

O peso da palavra e a poesia da imagem na produção e leitura de microcrônicas verbo-visuais

Nara Augustin Gehrke *
Sara Scotta Cabral**

Resumo

Neste trabalho, apresentamos uma pesquisa que estabelece um novo gênero que aos poucos se estabiliza na esfera jornalística, a microcrônica verbo-visual. Com o objetivo de determinarmos a função social (DEWITT, 2004) e as regularidades temáticas, composicionais e de estilo (BAKHTIN, 2000), realizamos um estudo longitudinal de um *corpus* de 67 microcrônicas cujos resultados foram replicados no projeto *Um novo olhar sobre nosso cotidiano*, desenvolvido com alunos de graduação de uma universidade pública. Uma análise descritivo-analítica permitiu o reconhecimento das regularidades do gênero: temas do cotidiano de centros urbanos da região sul, estrutura composicional multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) e estilo marcado através de polissemia, intertextualidade e concisão. As conclusões obtidas levam-nos a ratificar nossa crença nesse novo gênero como ferramenta tanto de letramento para a verbo-visualidade (BRAIT, 2010) quanto para a qualificação da escrita de textos situados.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Letramento verbo-visual. Microcrônica. Gêneros discursivos.

Introdução

O presente do historiador, o cotidiano na crônica e a rotina diária do cronista evidenciam um tempo não apenas de alienação, mas de críticas, de desejos, de esperanças, de medos que só o tempo cotidiano, vivido, presente, pode revelar; seja pela ação, seja pela ideia (SCHNEIDER, 2007, p. 6).

* Professora Assistente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS); doutoranda no programa de Pós-Graduação Letras/UFSM. Atua no curso de Letras (presencial e EAD), com interesse nas áreas de leitura e produção textual, gêneros discursivos e estudos gramaticais. E-mail: nara.augustingehrke@gmail.com.

** Professora Adjunto (Doutor I) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Atua no curso de Letras, com ênfase em língua portuguesa e produção textual. Seus trabalhos e pesquisas no programa de Pós-Graduação Letras/UFSM voltam-se para os seguintes temas: gênero textual, gramática sistêmico-funcional e Teoria da Avaliatividade. E-mail: sara.scotta.cabral@gmail.br.

Data de submissão: mar. 2014 – Data de aceite: abr. 2014

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v10i1.4101>

Neste artigo, procuramos dar visibilidade a um gênero que, despretensiosamente, repousa nas páginas de um jornal diário, retratando nosso cotidiano em prosa e em cores e é a materialidade de um texto que aos poucos se estabiliza no domínio jornalístico, conforme nossa pesquisa pretende mostrar.

O presente texto é o relato de um percurso de três anos (2011-2013) no desenvolvimento de um projeto de ensino e de pesquisa que permitiu abordar um gênero jornalístico em seu potencial tanto como objeto de pesquisa, quanto como estratégia para práticas de leitura e de produção textual em sala de aula. Porém, para tomá-lo como objeto, foi preciso, antes, tornar esse gênero “dizível”. Desse modo, na falta de encontrarmos um termo já empregado na área de estudos dos gêneros discursivos, dificuldade explicável possivelmente pela recenticidade da modalidade em estudo, cunhamos o termo *microcrônica verbo-visual*, tendo por base a analogia com a extensa literatura sobre o microconto (FREIRE, 2004; CONDE, 2010; ROSSATO, 2011; ÁLVARES, 2012). Analogamente, empregamos *microcrônica* como referência a um gênero instanciado em textos de dimensões reduzidas, mas com função e funcionamento semelhantes aos da crônica. A denominação *verbo-visual* é tributária ao aspecto composicional mais saliente nesse gênero, a verbo-visualidade (BRAIT, 2010).

O percurso aqui relatado compõe-se de duas fases distintas, mas em perma-

nente interação: inicialmente, realizamos uma pesquisa exploratória, de natureza descritivo-analítica, com o objetivo de investigar a *microcrônica verbo-visual* como gênero textual. Nesse estudo, articulamos conceitos e categorias que permitiram apreender as regularidades, o funcionamento e as funções na prática social definidoras de um texto enquanto gênero. Concomitantemente, a partir do segundo ano da pesquisa, iniciamos a orientação em sala de aula de práticas de leitura e de produção textual de microcrônicas verbo-visuais baseando-nos nos achados parciais do estudo. Essas práticas foram implementadas nos dois semestres de 2012 e no primeiro semestre de 2013, com cinco turmas de três diferentes cursos de graduação da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Desse modo, em nossa investigação e em nossa prática pedagógica, o tratamento do texto como instanciamento de um gênero torna-se central e, em razão disso, lançamos mão do aparato teórico em desenvolvimento (BRAIT, 2010, 2013; MUSSALIM, 2004) a partir dos princípios estabelecidos por Bakhtin (2000).

Igualmente precisamos buscar fundamentos teóricos para tratar da inter-relação entre as diferentes linguagens. O título dado a este artigo revela a importância em nossa pesquisa de considerarmos a intrincada (e complexa) rede de relações que a imagem e a palavra podem gerar ao serem mobilizadas para a composição de um texto. Embora os estudos das linguagens em

separado já tenham fundamentado um sólido e extenso referencial bibliográfico, as pesquisas sobre as modalidades em interação passaram a receber um destaque cada vez maior, interessando estudiosos das áreas sociais e humanas (BARTHES, 1971; ECO, 1987), especialmente com o surgimento dos *mass media* e o incremento da publicidade. Hoje se intensificaram esses estudos, pois, numa sociedade cada vez mais saturada de imagens (FARREL, 2013), enfrentamos novos desafios, entre os quais está a necessidade de um letramento para a linguagem verbo-visual.

A citação transcrita a seguir sintetiza o que discutiremos neste artigo: o entrecruzar de linguagens para constituir sentidos e efeitos de sentidos em textos, os quais, por sua vez, são a instanciiação desse novo gênero por nós denominado *microcrônica verbo-visual*. Eis o que Guimarães declara:

Há a palavra dando sentido ao sentido da imagem. Há a imagem ilustrando o peso da palavra. Há o texto harmonizando palavra e imagem. Há o discurso absorvendo palavra, imagem e texto (GUIMARÃES, 2013, p. 134).

Fundamentos teóricos

A crônica e o gênero na perspectiva bakhtiniana

Na abordagem da crônica, muitas são as opções teóricas que poderíamos escolher, tendo em vista a riqueza do tema e as questões de pesquisa que ele suscita. Optamos, no entanto, por nos

alinhamos aos estudiosos da crônica jornalística, visto ser a microcrônica, nosso objeto de interesse, um gênero cujo domínio específico é o jornalístico. Em nosso estudo, gênero é empregado no sentido que há nas teorizações compatíveis com a proposta de “gêneros de discurso” apresentada por Bakhtin (2000, p. 279). Nessa perspectiva, gêneros são “enunciados relativamente estáveis”, que contribuem na organização e estabilização das atividades comunicativas do nosso dia a dia. Existem tantos gêneros quantas são as situações de interação em que nos envolvemos fazendo uso de textos. Segundo Bakhtin,

[...] a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (2000, p. 279).

Em seu estudo das crônicas de Carlos Heitor Cony, Andrade (2005) expressa o seu entendimento de que a crônica, no sentido mais amplo, consiste numa reflexão do cotidiano revivido estilisticamente, ficando o gênero colocado na intersecção entre o jornalístico e o literário. Essa autora ainda declara que

[...] o cronista constrói seu discurso num entrelugar, em que de um lado estão os fatos do cotidiano que ele quer de algum modo atingir, ou pelo menos tocar, ainda que levemente; de outro lado, a repercussão que esses mesmos fatos têm para a sua vida, quais diálogos esses fatos suscitam ao entrarem em contato com a sua experiência diante do mundo (ANDRADE, 2005, p. 304-305).

Retomando Bakhtin (2000, p. 300), verificamos que os gêneros têm um “intuito discursivo”, isto é, produzimos gêneros sempre com uma finalidade, um objetivo e também os dirigimos a alguém, nosso(s) parceiro(s) na interação, num tempo e momento legítimos, através de um suporte material e com uma determinada organização textual reconhecida e reconhecível como pertinente ao gênero em uso na prática social em que estamos engajados. No jornal, as crônicas parecem cumprir distintas, mas complementares funções: além de distrair o leitor do teor mais tenso dos textos noticiosos e opinativos (notícias, editoriais e reportagens), possibilitam, através do humor e da ironia, chamar a atenção para temas do cotidiano ou para inquietações existenciais, oportunizando uma reflexão sobre o vivido e o tempo presente. Por fim, lembramos que, na concepção bakhtiniana, há três elementos que, indissociados, contribuem para caracterizar um gênero: tema, estrutura composicional e estilo (BAKHTIN, 2000, p. 279).

O estudo de Bakhtin evidencia que os gêneros são práticas sociais integradas à vida cotidiana em suas múltiplas facetas, da esfera familiar ao discurso formal de um quartel, do discurso religioso ao literário, do discurso encontrado na escola às conversas entre pares, e assim por diante, sendo que cada uma dessas esferas produz e consome seus tipos relativamente estáveis de enunciados. Justamente para essa estabilidade contribuem os temas pertinentes a cada uma dessas

esferas, a construção composicional, cuja recorrência auxilia os interlocutores a se engajarem nas práticas apropriadamente pelo reconhecimento da estrutura requerida pelo gênero, e, finalmente, o estilo, que remete às escolhas reletindo a subjetividade de quem fala/escreve.

O estilo talvez seja o elemento que, inicialmente, gere uma impressão de desajuste com a orientação basilar do construto bakhtiniano, a linguagem em perspectiva social, ideológica, histórica, visto que estilo remete à singularidade do indivíduo que usa a linguagem fazendo escolhas pessoais. No entanto, Bakhtin (2000) situa a discussão do estilo no interior dos gêneros, entendidos estes como refletindo as condições específicas e as finalidades de cada esfera comunicativa, lembrando que, em função disso, cada gênero implica um estilo apropriado.

Aprofundando nossas reflexões, acrescentamos que, na prática social na qual se insere a produção e o consumo da crônica jornalística, o estilo requerido nesse gênero instaura, constitutivamente, uma relação dialógica entre os interlocutores, ou seja, espera-se que o cronista se manifeste comprometidamente no e pelo texto, a partir de uma tomada de posição explícita. Assim, o cronista acaba se tornando uma espécie de porta-voz do seu leitor, dando corpo a ideias e percepções que ele (o leitor) muitas vezes ainda não expressou, mas que nele estão latentes.

Do seu estudo sobre o dialogismo na crônica publicada em jornal, Andrade (2005, p. 311), conclui que esse gênero

[...] estabelece uma relação dialógica tal entre autor e leitor que permite uma cumplicidade entre ambos, instaurando uma interação efetiva que permite ao gênero crônica uma riqueza extraída de pequenos comentários, desabafos ou reflexões proporcionadas por notícias veiculadas na mídia ou meros pensamentos do enunciador.

Desse modo, a crônica se constitui a partir de um olhar subjetivo, interpretativo de nosso cotidiano, sendo sua matéria-prima o comportamento humano diante de cenas comuns ou inusitadas. Abaurre e Abaurre (2007, p. 80) sublinham que, imersa em um domínio discursivo no qual predominam as notícias e as reportagens, a crônica oferece um contraponto ao leitor, tornando-se “uma espécie de avesso da notícia”. Segundo essas autoras, é finalidade da crônica “revelar as fissuras do real, aquilo que parece invisível para a maioria das pessoas, ajudando-as a interpretar o que se passa a sua volta” (2007, p. 80).

A crônica, um gênero múltiplo e em mutação

Continuamos nossas considerações a respeito da crônica dando voz a Luis Fernando Verissimo, que tem a autoridade e a experiência de um dos autores brasileiros com intensa produção contemporânea no gênero. Interpelado a responder sobre a existência da crônica e a discussão de seu valor como gênero literário, Verissimo pondera:

Essa é a velha questão, o que é crônica, exatamente, quando é que deixa de ser crônica e passa a ser um pequeno conto, por exemplo. Mas acho que o cronista não deve se preocupar com isso. Ele tem aquele espaço que tem que preencher, que pode preencher teoricamente com o que ele quiser, inclusive com uma ficção, e ele não deve se preocupar muito com o que está falando. É o gênero crônica, e ali cabe o que o autor quiser. A gente se aproveita dessa indefinição como forma de liberdade (VERISSIMO apud JORNAL ZERO HORA, 04/01/2014).

Na mesma entrevista, Verissimo declara que se nota hoje uma diferença no fazer do cronista: o lirismo presente nas crônicas de Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Antônio Maria, Fernando Sabino se perdeu, e muitos autores como João Ubaldo Ribeiro ou Milton Hatoum escrevem crônicas para jornais com caráter opinativo, analítico (ZERO HORA, 04 jan. 2014).

A observação de Verissimo é procedente: já em sua forma como folhetim, no século XIX, migrando do domínio literário para o jornalístico, a crônica tornou-se um texto com acentuado teor argumentativo, em que o cronista é chamado a expor seu ponto de vista a respeito de um tema em destaque no momento. A essa modalidade mais midiática tem-se dado o nome de crônica jornalística (ANDRADE, 2005; SCHNEIDER, 2007; TOCAIA, 2011). Andrade (2005, p. 299) declara que a crônica é “um gênero que apresenta dupla filiação, já que o tempo e o espaço curtos permitem o tratamento literário a temas jornalísticos”.

Para Tocaia,

[...] a crônica caracteriza-se por uma composição breve, relacionada com os acontecimentos atuais. Representa o simulacro de um relato poetizado do real, situado na fronteira entre a informação e a narração literária (TOCAIA, 2011, p. 147).

Ainda conforme esse autor, a crônica funciona como recuperadora dos fatos midiáticos à semelhança do editorial. Difere deste, porém, porque não representa a “voz” da empresa jornalística; possui um modo próprio de dizer e constitui “o simulacro da conversa aparentemente ‘fiada’, um ‘causo’ em torno de questões da cena midiática do momento” (TOCAIA, 2011, p. 147).

Do mesmo modo, Schneider (2007, p. 3) estabelece uma distinção entre a crônica e outros textos jornalísticos afirmando que “Atualmente o sentido da crônica remete a um gênero literário em prosa, ligado ao jornalismo, mas que evita o sentido de reportagem”. Na visão desse autor, a crônica é um gênero com caráter fragmentário, comprometido com o aqui e o agora, tendo o fato como matéria-prima para o cronista captar e tematizar as entrelinhas da vida cotidiana. Desse modo, a crônica jornalística é a representação literária do fragmentário, do ambíguo, do efêmero, por isso a publicação em jornais e revistas permite ao cronista comentar temas próximos do leitor.

Desenvolvendo suas reflexões, Schneider destaca que, ao tematizar o cotidiano, o cronista faz da crônica jornalística uma forma de comunicação política

com o leitor. Coerente com a tese de que a crônica é um documento de valor histórico, o cronista pode ser considerado, segundo Schneider, como uma espécie de historiador do cotidiano, pois ter as notícias publicadas no jornal como conteúdo e tema de reflexão denota a ligação estreita do cronista com as questões do seu tempo, do tempo presente.

O texto mostrado na Figura 1 ilustra as considerações feitas por Schneider (2007), ao mesmo tempo em que exemplifica o gênero em estudo na nossa pesquisa. Nesse texto, o cronista aborda um problema ambiental ocorrido no período de veraneio, ao final de janeiro de 2012, na praia gaúcha de Tramandaí.

Figura 1 – Comunicação política e microcrônica



Fonte: Jornal Zero Hora (2012).

Com forte presença em jornais e revistas, a existência de inúmeros *sites* para divulgação de conhecidos e novos cronistas, por outro lado, atesta o vigor da crônica também nos meios digitais. A expressão *webcronista* é uma referência ao produtor de crônicas cujo texto é produzido para a internet, nela circula e é lido.

Com as novas tecnologias e seus suportes, especialmente o *blog* e o *Twitter*, pequenos textos acolhidos sob a rubrica de microliteratura (ÁLVARES, 2012) ou mesmo nanoliteratura (CONDE, 2010), modalidade de escrita já preconizada por Edgar Allan Poe (1809 - 1849) e experi-

mentada, em especial, entre os escritores hispano-americanos desde o século passado, têm conquistado a preferência de autores e leitores contemporâneos. Atualmente, com uma intensidade crescente nas produções, os cronistas têm lançado mão dessas tecnologias, como testemunha Carpinejar em Cunha (2011), ao esclarecer o que entende pelo gênero que produz no *Twitter*, desde 2009:

São observações avulsas aleatórias. Assim como na crônica, a minicrônica é um texto que fala de comportamento, influência, provoca e quer desestabilizar as certezas. São banalidades distraídas.

Do pioneirismo de Dalton Trevisan ao desafio aceito por escritores brasileiros que resultou na antologia organizada por Marcelino Freire (2004), *Os cem menores contos brasileiros do século*, os microtextos despertam cada vez maior interesse entre os escritores. Esse é o caso de Edson Rossatto (2010). O autor de *Cem Toques Cravados* organizou, nesse livro, uma coletânea de micronarrativas originalmente publicadas em seu *blog* e no *Twitter*.

Sintonizado com as novas tecnologias, Rossatto (apud CUNHA, 2011) destaca que as redes sociais estão formando novas gerações de escritores e reciclando os veteranos. Segundo o autor, “ – os nanocontos estão para a literatura assim como as tiras estão para os quadrinhos: uma mensagem rápida, de sentido completo e instantâneo, em um espaço reduzido”. O autor vê, nesse exercício, efeitos se materializando no próprio estilo dos escritores: “em especial o *Twitter*, que tem obrigado escritores prolixos a serem coesos e concisos em suas postagens. Muitos deles levam esse aprendizado para dentro de sua própria literatura”.

Em resumo, considerando o suporte em que circula (jornal, revista, *blog*, *twitter*, entre outras possibilidades), a crônica se revigora, mostrando-se um gênero consumido na contemporaneidade por um público leitor que se amplia, não se restringido somente àquele apreciador de uma crônica mais lírica, intimista. Tanto o suporte (MUSSALIM, 2004) quanto as expectativas do leitor acabam

influenciando os gêneros, o que leva a uma espécie de mutação (ÁLVARES, 2012) da crônica, que se revela camaleônica: há a crônica literária, a jornalística e a microcrônica ou minicrônica.

As diferentes linguagens e suas relações

Muitas das investigações atuais tratam das questões semióticas através de teorias articuladas em torno da multimodalidade, de que são exemplo Kress e van Leeuwen (2006), ou da verbo-visualidade, conforme Brait (2010). Nessas pesquisas, percebemos o esforço de os pesquisadores encontrarem um percurso metodológico capaz de tratar, em conjunto, os diferentes modos semióticos, também referidos como linguagens ou modalidades, a depender da opção teórica de cada autor. No presente artigo, empregaremos esses termos como sinônimos.

Com o objetivo de investigar em especial as regularidades dos elementos imagéticos, Kress e van Leeuwen constroem um modelo com o qual podem ser reconhecidas, em textos multimodais, regularidades e mecanismos pelos quais as imagens e outras modalidades semióticas tornam-se, por meio da construção dos significados ideacionais, interacionais e textuais, expressão de sentidos e de significações importantes cultural e socialmente.

Na obra *Gramática do Desenho Visual*, Kress e van Leeuwen (2006) dão

destaque a elementos como planos, perspectiva, ângulos, cores, além das relações estabelecidas entre os participantes interativos e os representados. Os autores afirmam que, em qualquer ato semiótico, há de se considerarem sempre esses dois tipos de participantes: os primeiros referem-se ao produtor e ao leitor do texto multimodal e os segundos constituem o assunto/tema da comunicação, referindo pessoas, objetos, eventos, ideias e conceitos representados no interior da imagem.

O trabalho de Brait com a verbo-visualidade é uma proposta de reunir coerentemente os pressupostos bakhtinianos e mobilizá-los para o tratamento das linguagens em interação. Podemos extrair de um artigo de Brait (2013, p. 51-52), em que a autora analisa as relações entre as linguagens verbal e visual, dois questionamentos que podem nos orientar nessa discussão, razão de transcrevê-los a seguir: *a escrita acompanhada da imagem. Ilustração? E, A escrita negando a imagem. Provocação?*

Nas duas interrogações, estão sugeridos dois modos de se articularem as modalidades verbal e visual: a ilustração e o contraste. Outros modos são encontrados em um livro que remonta ao início dos anos de 1970, quando, no Brasil foram feitas várias reimpressões (VANOYE, 1998). Nele, o pesquisador francês analisa a contribuição da palavra e da imagem na constituição do desenho humorístico.

A despeito de questões terminológicas, coerentes com o ideário da Teoria da Co-

municação, muito em voga nas décadas de 1960-1970, a exposição de Vanoye traz uma valiosa contribuição em uma área de escassa bibliografia em língua portuguesa. A partir da descrição proposta por Vanoye (1998), reconhecemos que podemos ter (1) um texto em que o desenho é autossuficiente, não há palavras; (2) um texto também autossuficiente imagetivamente, mas que traz a palavra como uma espécie de parasita, mera redundância; (3) um texto em que há uma associação solidária entre as linguagens na construção do efeito humorístico, associação esta subdividida em: o desenho reflete a realidade e a dissonância cômica provém da legenda ou a legenda é neutra, mas torna-se cômica pela associação inesperada ao desenho, e (4) a legenda é autossuficiente, trata-se de uma história engraçada ilustrada por um desenho.

Tomando essas possibilidades como pertinentes também a outros gêneros textuais que não somente os desenhos de humor e ratificando o segundo questionamento de Brait (2013) transcrito anteriormente, consideramos uma nova possibilidade: o mecanismo próprio da ironia potencializa-se quando, em um texto, a imagem afirma o que a palavra nega, ou vice-versa. Desse modo, pode-se estabelecer um jogo no qual uma das semióticas nega e a outra afirma, ou dito de outra forma, parte do enunciado afirma e a enunciação nega.

Complementar ao estudo das relações entre as linguagens/modalidades, Farrel (2013), interessada na dimensão

pedagógica, alerta para a necessidade de prestarmos atenção à(s) habilidade(s) de letramento visual (*visual literacy*), em uma sociedade em que o emprego crescente de códigos visuais, na publicidade, nas artes, nos *videoclips*, no jornalismo, está a exigir da escola o desenvolvimento de competências e comportamentos leitores dessa verbo-visualidade. A autora destaca que, falsamente, temos a impressão de que, ao vermos/lermos uma imagem, seu sentido é (re)construído automaticamente; tendemos a simplificar a necessidade de engajarmo-nos na compreensão do discurso visual e seu trabalho retórico. Farrel (2013) defende que, embora os elementos de composição das imagens devam ser objeto de ensino, talvez o mais significativo seja o entendimento de como a imagem comunica, isto é, seu método de discurso.

Na proposta de Farrel (2013), mecanismos e operações realacionados à retórica do visual devem interessar a professores e alunos, e uma das estratégias para abordá-la é considerar o triângulo retórico, adaptado pela autora de Hesford e Brueggemann (2007), cujos três vértices são: o *rethor* (autor, falante, artista), a audiência (leitor, ouviente, *viewer*) e o texto (escrito, oral, visual). Aqui, percebemos uma semelhança com a proposta de Kress e van Leeuwen (2006), os quais também chamam a atenção para as relações estabelecidas entre os participantes interativos, ao se engajarem em práticas sociais mediadas por textos multimodais.

O percurso e os resultados da pesquisa

No que segue, detalhamos nosso objeto de estudo e apresentamos os achados de nossa pesquisa para fundamentar nossa hipótese de categorizar a microcrônica verbo-visual como um gênero emergente no domínio jornalístico, além de argumentarmos em favor de tratá-la como uma estratégica e eficaz ferramenta para práticas de leitura e produção textual em sala de aula. Primeiro, apresentamos os resultados relativos à caracterização do gênero discursivo; em segundo lugar, tratamos das práticas pedagógicas e seus resultados.

Realizamos uma pesquisa exploratória sob forma de um estudo de caso, longitudinal, para o qual se constituiu um *corpus* com 67 textos coletados no jornal Zero Hora e publicados no período de janeiro de 2009 a julho de 2013. No primeiro semestre de 2011, foi composto o *corpus*, com uma microcrônica de cada mês do referido período, obedecendo a seleção dos textos a um critério que privilegiou a variedade de temas e da estrutura composicional, particularmente da linguagem verbal, visto ser a imagem o elemento mais estável do gênero.

As microcrônicas são publicadas diariamente, na coluna Informe Especial do jornal Zero Hora, empresa do grupo Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS). Na disposição da página, os textos encontram-se geralmente posicionados da

margem superior em direção ao centro da página, como evidenciado na Figura 2. A

partir de 2013, variações dessa posição têm sido observadas.

Figura 2 – Exemplar de uma microcrônica



Fonte: Jornal Zero Hora (2010).

Na pesquisa a que nos propomos, a conhecida tríade bakhtiniana – estrutura composicional, tema e estilo – converteu-se em categorias de análise de dados, por isso iniciamos a caracterização das microcrônicas observando os três elementos apontados por Bakhtin (2000) como responsáveis pela relativa estabilidade dos ‘gêneros de discurso’.

A microcrônica verbo-visual como gênero textual

Na abordagem da estrutura composicional, observamos a co-ocorrência de duas modalidades com o seguinte *modus operandi*: em um único quadro, apresentam-se uma imagem fotográfica e um texto interpretativo, de natureza linguística, antecedido de um título curto

e apresentado como uma elaboração reflexiva a partir de um tema relacionado ao cotidiano do leitor ou a seu conhecimento de mundo. Esse tema é um recorte feito pelo cronista a partir do que ele interpreta da foto. Na microcrônica, complementar ao que está dado na/pela foto, a palavra traz à cena temas e aspectos que estão mostrados na imagem ou nela estão latentes; a palavra não é, portanto, uma mera ilustração ou legenda da imagem (VANOYE, 1998), indo além da ancoragem para sentidos evidentes ou evocados na imagem.

O estudo longitudinal permitiu-nos identificar três estágios que mostram alterações regulares e modificadoras da estrutura composicional dos textos em favor de uma visualidade mais destacada. Podemos considerar que a microcrônica tornou-se, ao longo dos anos, mais impactante visualmente e mais densa lexicalmente. Percebemos um crescente tratamento poético na imagem, com o emprego principalmente das cores e do primeiro plano e, no verbal, acentua-se o exercício da concisão, reduzindo-se a estrutura frasal. No estágio mais recente, a parte verbal da microcrônica pode ser caracterizada como um texto unifrásico (SPALDING, 2008).

Essas alterações mostram a microcrônica como um gênero em mutação, adaptando-se aos interesses da empresa jornalística ou ao perfil do leitor contemporâneo de uma sociedade dita da imagem. No entanto, ao analisar a relação entre as linguagens, a microcrô-

nica tende a ser considerada um gênero estável, visto que tanto a imagem quanto a palavra continuam com a mesma dinâmica ao longo do período de estudo: é da sua inter-relação que nascem o sentido e os efeitos de sentido do texto. A verbo-visualidade (BRAIT, 2010) é pois, marca registrada do gênero e sua fonte primeira de constituição, não somente da textualidade, como também, da interação com o leitor.

Dado que tanto a instabilidade quanto a estabilidade estão presentes na constituição dos gêneros textuais, recorremos a Mussalim (2004) para entendermos essa aparente contradição: interpretando Bakhtin, ela destaca que os gêneros são produções coletivas e

[...] em constante processo de re-elaboração, que resultam de um trabalho sócio-histórico sobre/com a linguagem, trabalho este produzido por determinados agentes sociais no interior de esferas comunicativas específicas (MUSSALIM, 2004, p. 23).

Nas microcrônicas, a imagem e o verbal, analisados dentro do contexto de cultura (HASAN, 1989), retratam ou remetem a cenas do cotidiano. Nesses quadros, os temas são familiares ao leitor: nas imagens, os elementos representados (KRESS e van LEEUWEN, 2006) são predominantemente seres humanos, pessoas comuns envolvidas em suas atividades diárias, profissionais ou de lazer, embora alguns textos tematizem objetos, os contêineres, a urna eletrônica ou o veículo de um carrinho nas ruas de Porto Alegre, por exemplo. Embora temas relacionados ao espaço urbano prevaleçam, cenas per-

tinentes ao espaço rural muitas vezes são tematizadas, chamando-se a atenção para hábitos cultivados nas cidades do interior, para edificações e paisagens características desse ambiente. As circunstâncias referidas pela imagem ou expandidas pela palavra remetem, principalmente ao espaço da região sul do Brasil, o que é coerente com a abrangência do veículo de comunicação em que o texto circula e o público alvo, leitores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Ao considerarmos o estilo, revela-se uma das regularidades mais características do gênero: a imagem é sempre uma foto, a qual recebe cada vez maior destaque no texto, com um tratamento estético apurado; já o texto verbal, em forma concisa, é a manifestação do lirismo do cronista ou a explicitação de seu ponto de vista. Para instigar no seu leitor um novo olhar para um quadro cotidiano e familiar, partilhado por ambos, o cronista recorre, em seu fazer, recursos da linguagem poética (especialmente a polissemia), à expressividade da pontuação e à intertextualidade, ou ainda a uma seleção lexical orientada pelo desejo de marcar uma tomada de posição explícita.

Andrade (2005, p. 305) lembra que o cronista, enquanto escritor, “deve limitar o seu discurso, pois como o seu texto visa, inicialmente, a aparecer no jornal, precisa estar adequado ao espaço que lhe é conferido. É também da economia que nasce a riqueza estrutural de uma crônica”. Esse aspecto, a concisão, é ainda mais perceptível quando consideramos a

microcrônica, um exercício de o cronista dizer muito com poucas palavras.

Registremos ainda uma última observação referente às microcrônicas verbo-visuais: especialmente nesse gênero, o produtor conta com a participação ativa do seu interlocutor, configurando-se uma espécie de protagonismo do leitor (SPALDING, 2008). À medida que se condensam os textos verbais, mais o leitor é chamado a participar. Quanto mais curto o texto, mais o leitor é interpelado pela linguagem concisa e necessita preencher lacunas, buscando na memória intertextos, imagens e fatos familiares que estão implícitos, sugeridos, velados no texto. Como o gênero implica também o uso da imagem, o leitor precisa ainda despender esforço cognitivo, através de inferências, para estabelecer sentido(s) à inter-relação entre as linguagens exploradas no texto.

Em síntese, as regularidades verificadas na análise do *corpus* são uma forte evidência de que os textos em estudos podem ser considerados um gênero textual. As microcrônicas têm a função comunicativa de pôr em relação o cronista e seu leitor, apresentando a este a reflexão daquele a respeito de um cotidiano familiar a ambos e revivido estilisticamente no texto. Em nossa opinião, a microcrônica verbo-visual possibilita manifestar o lirismo herdado de nossos cronistas clássicos, especialmente através da imagem, e a expressão de um ponto de vista crítico do dia a dia, exigência do domínio jornalístico em que circula.

Quando analisada pela ótica das categorias bakhtinianas, verificamos que a microcrônica apresenta temas que se prestam a serem abordados pelo gênero crônica, geralmente temas do cotidiano conhecidos tanto do produtor quanto do leitor. A identificação de elementos composicionais recorrentes contribui para que possamos arguir em favor da tese de que os textos em análise sejam considerados um gênero “relativamente estável” (BAHKTIN, 2000, p. 279), com autonomia de funcionamento e função, além de apresentar uma configuração própria. Justamente são os elementos verbo-visuais e a dimensão micro os traços distintivos mais evidentes entre o texto de que tratamos aqui e a crônica jornalística ou a literária, monomodais por natureza.

O gênero microcrônica verbo-visual e as práticas em sala de aula

Após um ano de investigação sobre o gênero, iniciamos o projeto *Um novo olhar sobre o cotidiano* com o objetivo de desenvolver habilidades de leitura e de produção de microcrônicas verbo-visuais. A implementação de cada edição do projeto estendia-se por aproximadamente dois meses. O projeto foi desenvolvido com cinco turmas de alunos de graduação de uma universidade pública federal: uma turma do curso de Produção Editorial, uma de Educação Especial e três do curso de Letras. Duas turmas eram

do primeiro semestre de 2012, uma do segundo semestre de 2012 e duas do primeiro semestre de 2013. As atividades foram inseridas nas aulas regulares das disciplinas de Língua Portuguesa constante nos currículos desses cursos.

Desafiados a produzir microcrônicas, os alunos, inicialmente, entravam em contato com textos reconhecidos como pertencentes ao gênero, sendo eles escolhidos pelo professor ou coletados pelos estudantes no suporte de circulação, o jornal. Identificadas e analisadas as regularidades do gênero, especialmente a temática e a estrutura composicional, eram escolhidos quatro temas para a produção dos textos.

Como é típico do gênero, assuntos do cotidiano predominaram: a rotina de um universitário, o *campus*, o transporte público, o trânsito caótico, o curso escolhido, a Semana Farroupilha, as estações do ano. Os dois últimos temas são uma clara interferência dos textos lidos no jornal, muitos dos quais tratavam do inverno ou da primavera no sul do país, o que coincidia com a época da realização do projeto: para os alunos do primeiro semestre, junho/julho, e para a turma do segundo, setembro/outubro. O mês de setembro no Rio Grande do Sul é marcado por celebrações da Semana Farroupilha, as quais têm ampla cobertura da mídia jornalística. Para não engessar a criatividade, temas livres também foram contemplados, como por exemplo, o encontro de balonistas em Santa Maria e os animais de estimação.

Escolhidos os temas, os alunos saíam em busca de imagens para registrá-las visualmente. Com seus celulares, tiravam fotos que depois eram formatadas para terem uma boa qualidade de leitura. Dentre estas, eram escolhidas de quatro a seis, de acordo com a avaliação do aluno sobre o potencial da foto como um texto semiótico portador de sentidos e marca da subjetividade/olhar do autor. A Figura 3 mostra uma microcrônica de um aluno do 1º semestre do curso de Educação Especial cujo tema é o próprio fazer da prática textual e as Figura 4, 5 e 6 são de alunos do 2º semestre do curso de Letras. Os autores estão referidos através de pseudônimos.

Figura 3 – Meio-dia no *campus*



Fonte: Quixote.

Figura 4 – Litteras



Fonte: Flor de Liz.

Figura 5 – Saindo do armário



Fonte: Donnatella.

Feita a escolha das imagens, iniciava-se o processo de escritura. O professor solicitava aos alunos trazerem duas imagens impressas para que uma primeira versão das microcrônicas fosse elaborada em aula e entregue para uma primeira leitura. Anotações à semelhança de bilhetes orientadores (FUZER, 2012) eram feitas pelo professor nos textos e, no próximo encontro, entregues aos alunos para uma primeira retextualização, às vezes realizada na própria sala de aula, outras vezes, em casa.

Figura 6 – O primeiro suspiro quente da primavera



Fonte: Submarino Amarelo.

A etapa da escrita propriamente dita coincidia com o desenvolvimento de conteúdos nas disciplinas cursadas referentes a uma unidade sobre os padrões oracionais da frase contemporânea e ou-

tra tratava dos problemas de estrutura frasal. O papel do título e dos campos semânticos ativados na imagem eram também destacados, além da contribuição da pontuação para a expressividade e coerência dos textos. A depender do conhecimento da turma, falava-se na contribuição das funções poética e referencial (JAKOBSON, 2010) para a constituição do gênero microcrônica.

Ao longo de mais três encontros presenciais e atividades extra-classe, completavam-se as etapas do projeto com a seguinte dinâmica: (1) a escrita de duas novas microcrônicas e retextualização orientada por bilhetes; (2) a diagramação dos textos, reunindo-se imagem e texto verbal, para uma primeira versão do conjunto das quatro microcrônicas; (3) leitura por um colega dos textos; (4) aplicação da ficha de avaliação; (5) reescrita conforme as sugestões da ficha de avaliação, (6) entrega do conjunto de textos para uma nova leitura do professor; (7) ajustes finais/diagramação definitiva e (8) publicação das microcrônicas.

As etapas 3 e 4 oportunizavam ao autor o retorno de uma leitura feita pelos colegas. Estes deviam colocar-se, inicialmente, na posição de leitores de microcrônicas para, a seguir, com base nessa leitura, preencher uma ficha (Anexo A), provendo um *feedback* para o autor do que estava adequado e do que podia melhorar em seus textos. A etapa 8 concretizava-se através de um varal onde eram afixadas as microcrônicas, ou da criação de um *blog* para serem

postados os textos. A depender da turma, o local da montagem do varal era a sala de aula ou o *hall* de entrada do prédio. A ideia do *blog* foi sugerida por uma turma, mas não concluída em função de o período coincidir com o término do semestre. Também foi escolhida dos alunos publicizar os seus textos com seu nome ou com o uso de um pseudônimo.

Considerações finais

Após cinco edições do projeto *Um novo olhar sobre o nosso cotidiano*, consideramos que seus objetivos foram atingidos: através das práticas de leitura e de produção de microcrônicas, os alunos/autores puderam expressar, pela imagem e pelo verbal, a sua percepção do cotidiano, propondo, através dos textos, um olhar mais atento para o seu dia a dia.

O primeiro aspecto a destacar é o fato de a microcrônica favorecer a produção de textos que interessaram aos alunos, pois estavam situados comunicativa e interacionalmente. Esse interesse talvez se explique também por características típicas do gênero: (1) os temas permitem manifestar sentimentos e reflexões baseadas em conhecimento autorreferencial; (2) a verbo-visualidade implica lidar com a potencialidade de sentidos da fotografia, o que, para um sujeito contemporâneo da sociedade da imagem, soa familiar; (3) a concisão da parte verbal, ao mesmo tempo que é um exercício para qualificar a redação, retirando-se informações redundantes, inferíveis na

foto, parece reduzir a dificuldade, sempre presente na maioria dos alunos, de se expressar em um texto mais longo.

Gostaríamos de enfatizar, aqui, o envolvimento gradativo dos sujeitos: a princípio, como aluno a realizar uma atividade proposta pelo professor; depois, como leitor do seu texto e do colega, propondo sugestões para a retextualização e avaliando a qualidade do seu próprio texto e do texto de outrem; e, ao final, como autor de microcrônicas, envolvido em considerações relacionadas ao seu leitor e decisões referentes ao suporte de circulação dos seus textos.

Outro aspecto positivo da dinâmica implementada foi a socialização das produções: inicialmente tímidas, os alunos passaram a assumir suas produções como verdadeiros textos a ponto de publicizá-las nos varais. Registremos que, para não haver constrangimento durante a aplicação da ficha de avaliação dos colegas, optou-se pelo emprego de pseudônimos, que depois, foram mantidos. A escolha dos pseudônimos revelou-se uma atividade lúdica e de autoconhecimento: qual o nome que melhor me representa? Nesse momento do projeto, essa atividade favoreceu um engajamento maior com as práticas da escrita, auxiliando a diminuir a resistência ao desafio de escrever, a qual, nas cinco turmas, normalmente se manifestava, com poucas exceções.

Deslocando agora nosso foco dos sujeitos da pesquisa para a potencialidade das práticas em si mesmas, vemos nas microcrônicas verbo-visuais, uma ferra-

menta pedagógica eficaz não somente para despertar o interesse pela leitura de textos mais extensos, como crônicas literárias e jornalísticas, mas também para mobilizar e sistematizar conhecimentos em relação à articulação das modalidades verbal e visual. Nesse momento, torna-se flagrante a necessidade de se realizar um trabalho multi/transdisciplinar, especialmente com a literatura, as artes, a filosofia e a história, o que, naturalmente, não exclui o diálogo com as outras áreas.

À medida que se desenvolviam as práticas em sala de aula, foi se firmando a certeza de que é preciso, principalmente nos cursos de licenciatura, uma atenção especial ao letramento visual dos alunos, futuros professores. Farrel (2013) alerta-nos que, no cotidiano da escola, professores e alunos lidam com textos visuais a todo momento (gráficos, mapas, diagramas, vídeos, etc.), mas ficam as perguntas: os docentes realmente sabem ler esses textos? Os alunos foram adequadamente introduzidos na leitura da verbo-visualidade? Quem hoje apresenta um letramento para a verbo-visualidade solidamente qualificado?

Em cursos de pós-graduação, graduação ou nas escolas, em nosso exercício quer como pesquisadores, quer como professores, os questionamentos acima estão a nos inquietar. Encerramos este artigo testemunhando uma desafiadora caminhada para desarticular as propriedades de um gênero multimodal em formação e articular, em uma teorização

em construção, conhecimentos sobre a verbo-visualidade e sua potencialidade para a prática pedagógica.

The weight of the word and the poetry of the image in writing and reading of verbal-visual microchronicles

Abstract

In this paper, we present a survey that establishes a new genre which gradually stabilizes itself in the journalistic sphere, the verbal -visual microchronicle. With the objective of determining the social function (DEWITT, 2004) and thematic, compositional and stylistic regularities (BAKHTIN, 2000), we conducted a longitudinal study of a *corpus* of 67 verbal-visual microchronicles whose results were replicated in the project *A new look at our everyday*, developed with undergraduates at a public university. A descriptive- analytical analysis allowed the recognition of regularities of gender: themes of everyday urban centers of the southern Brazil, multimodal compositional structure (Kress and van Leeuwen, 2006) and marked style through polysemy, intertextuality and conciseness. The conclusions lead us to confirm our belief in this new genre as a tool of literacy both for verbal- visuality (BRAIT, 2010) as for the improvement of writing's quality communicatively situated texts.

Keywords: Pedagogical practice. Verbal-visual literacy. Microchronicle. Discursive genres.

Referências

- ABAURRE, M. L. M; ABAURRE, M. B. M. *Produção de texto: interlocução e gêneros*. São Paulo: Moderna, 2007.
- ANDRADE, M. L. C. V. O. As crônicas de Carlos Heitor Cony e a manutenção de um diálogo com o leitor. In: PRETI, D. (Org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução e organização de Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRAIT, B. Tramas verbo-visuais da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 193-228.
- BRAIT, B. Olhar e ver: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013.
- BETELHA, G. K. Sete faces para Rubem Braga. *Leitura*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. p. 26-31.
- CONDE, X. F. *A relación entre a literatura e a internet nos inícios do século XXI nas literaturas ibéricas: o caso da microficción*. 2010. Disponível em: <<http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:Llcgv-2010-vol.15-05&dsID=Documento.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2013.
- CUNHA, C. *Microliteratura no twitter*. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/40696>>. Acesso em: 16 set. 2013.
- DEWITT, A. J. *Writing Genres*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

- ECO, U. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FARELL, T. A. *Measuring visual literacy ability in graduate level pre-service teachers*. 2013. Disponível em: <<http://scholarworks.umt.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=5149&context=etd>>. Acesso em: 22 jan. 2014.
- FREIRE, M. *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- FUZER, C. Bilhete orientador como instrumento de interação no processo ensino-aprendizagem de produção textual. *Letras*, Santa Maria, v. 22, n. 44, p. 113-145, jan./jun. 2012.
- GUIMARÃES, E. Linguagem verbal e não verbal na malha discursiva. *Bakhtiniana*. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, p. 124-135, jul./dez. 2013.
- HASAN, R. 1989. Parte B. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (Ed.). *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford, Oxford Universit Press.
- HESFORD, W. S.; BRUEGGEMANN, B. J. *Rhetorical visions: reading and writing in a visual culture*. Upper Saddle River, NJ: Pearson Education, Inc., 2007.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.
- KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading images*. 2. ed. London: Routledge, 2006.
- MAGGIONI, F. *A charge jornalística: estratégias de imagem em enunciações de humor icônico*. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.
- MARTINEC, R.; SALWAY, A. A system for image-text relations in new (and old) media. *Visual Communication*, v. 4, n. 3, p. 337-371, 2005.
- MOZDZENSKI, L. Intertextualidade verbo-visual: como os textos multissemióticos dialogam? *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, p. 177-201, jul./dez. 2013.
- MUSSALIM, F. *Linguagem: práticas de leitura e escrita*. São Paulo: Global, 2004. v. 1. Livro do Professor.
- ROSSATO, E. *Cem toques cravados*. São Paulo: Andross, 2010.
- SCHENEIDER, C. I. *Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?* 2007. Disponível em: <http://www.fag.edu.br/adverbio/v5/artigos/cronica_jornalistica.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2013.
- SPALDING, M. *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 327 p.
- VERISSIMO, L. F. Luis Fernando Verissimo fala da literatura como um mistério a ser solucionado. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 4 jan. 2014. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2014/01/luis-fernando-verissimo-fala-da-literatura-como-um-misterio-a-ser-solucionado-4380493.html>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

Anexo A

FICHA DE AVALIAÇÃO DAS MICROCRÔNICAS

NOME DO AVALIADOR (PSEUDÔNIMO): _____

NOME DO AUTOR AVALIADO (PSEUDÔNIMO): _____

Obs.: Para cada item discriminado abaixo, responda SIM, PARCIALMENTE ou NÃO.

I - Avaliação holística

a) De qual texto você mais gostou? _____ E menos gostou: _____

b) Qual título chamou mais sua atenção? _____, porque
.....

c) Qual título pode ser melhorado? _____, porque
.....

d) O texto estabelece interação com o leitor?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

e) O texto constitui um meio de manifestação personalizada do autor?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

II - Aspectos Temáticos

a) A microcrônica deixa claro o tema?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

b) A clareza do tema está favorecida pelo verbal (há palavras que denotam o tema)?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

c) Em qual (is) microcrônica(s), há um equilíbrio entre a manifestação do EU (emoção, avaliação) e a apresentação do referente (TEMA)?

T1 _____ T2 _____ T3 _____

III - Aspectos Estruturais do Gênero

a) A disposição dos elementos visuais e linguísticos está de acordo com a estrutura do gênero?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

- b) No texto, observa-se o cuidado com a linguagem (escolha de substantivos, adjetivos e verbos), denotando expressividade e comprometimento do cronista em relação ao objeto que observa e sobre o qual reflete?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

- c) A relação entre a imagem e as palavras é coerente?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

- d) Há redundância entre as linguagens (verbal e não verbal) ou ambas contribuem para a construção do sentido textual?

T1

T2

T3

T4

- e) O título é um recurso explorado estrategicamente?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

- f) O vocabulário se converte em recurso de expressividade do autor e envolvimento do leitor?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

- g) A pontuação é variada, empregando-se os sinais de pontuação como recursos argumentativos e expressivos?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

- h) A parte linguística revela riqueza de estruturas frasais?

T1

T2

T3

T4

- i) O texto está adequado às convenções da escrita e das normas linguísticas?

T1 _____ T2 _____ T3 _____ T4 _____

Considerações finais: analise se, no conjunto, os textos convertem-se em uma oportunidade de uma interação relevante para o leitor (trazem avaliações, impressões, informações...). Registre suas conclusões.

.....
.....